

# Governo ainda não tem saída para a crise econômica

Arquivo — 28/4/87

**Maria Luiza Abbott**

BRASÍLIA — O governo ainda não se definiu por qualquer solução para a crise econômica, evidenciada por uma inflação próxima de 20% ao mês e que poderá chegar à assustadora taxa — antes imaginada apenas para países em crise crônica, como a Bolívia, por exemplo — de 1000% ao ano. Quem garante é uma alta fonte da equipe do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira.

Dois caminhos podem ser adotados: o heterodoxo e o ortodoxo. O primeiro prevê a redução da inflação pelo crescimento da economia. O segundo receita um arrocho da política monetária, com a retirada do volume de dinheiro disponível no mercado, através de elevação na taxa de juros, o que leva a uma inevitável recessão. Toda a equipe econômica e até o ministro Bresser Pereira sempre preferiram a heterodoxia.

— Mandar o Banco Central sentar em cima do dinheiro é a opção mais fácil, mas não dá certo — reconhece um graduado assessor do Ministério da Fazenda.

Mas o choque heterodoxo clássico, que tem como sinal mais aparente o congelamento de preços, também não parece ser a solução neste momento de ameaça de hiperinflação. E esta opinião é comum aos economistas ligados à heterodoxia — inclusive os pais do Cruzado — e de ortodoxos declarados, como o deputado Delfim Netto (PDS-SP), ex-ministro da Fazenda e do Planejamento nos governos militares.

Os argumentos são diferentes. Enquanto a equipe do ministro Bresser acredita que a receita é correta, mas faltam condições para sua aplicação, Delfim Netto considera que a opção pelo choque heterodoxo foi sepultada pelo insucesso do Plano Cruzado. Mais do que isso, Delfim considera que não há condições políticas e econômicas para um choque agora, que estaria “destinado ao fracasso em menos de um mês”.

Quando o Plano Cruzado foi adotado, em fevereiro de 86, os preços foram congelados e os salários, depois de um abono de 8%, com reajuste pela média da inflação dos últimos seis meses não tinham qualquer previsão de novos aumentos, exceto se a inflação voltasse. O fim da correção monetária levou a uma queda significativa na taxa de juros e o índice inflacionário caiu de 15% ao mês para índices próximos de zero.

O governo parecia ter encontrado a grande solução para tudo. O PMDB, que ameaçava romper com o presidente Sarney, voltou a apoiá-lo, diante da grande repercussão popular que o plano teve. A população saiu à caça dos traidores do Cruzado, fechando supermercados e com orgulho de ser *fiscal do Sarney*. A inflação caía, na mesma proporção em que subia a popularidade do governo e o poder de compra dos trabalhadores.

— O Plano Cruzado não tinha este caráter distributivo e este aspecto foi, na verdade, o seu erro principal — critica o deputado Delfim Netto.

**Sem controle** — Na realidade, os defensores do plano acham que a queda da inflação seria um fator de redistribuição de renda, já que as taxas altas são um processo de transferência do trabalho para o capital. É que os preços sobem antes, enquanto os salários correm atrás. Mas o governo perdeu o controle do processo e, na hora de frear o crescimento, com aumento administrado de preços e uma reforma financeira que permitisse financiar a produção, com juros baixos e prazos longos, os economistas não conseguiram realizar seu projeto.

Em um ano eleitoral, os políticos não permitiram que o aspecto mais popular do plano, o congelamento, terminasse, colocando em risco a vitória em 15 de novembro. E a partir de julho, o governo se viu obrigado a aumentar as taxas de juros, para evitar a formação de estoques especulativos, já que o consumo exacerbado dava vantagens a quem escondesse mercadorias e vendendo com ágio mais tarde.

Junto com isso, o governo enfrentava o aumento da demanda por produtos agrícolas — graças a entrada no mercado daqueles que recuperavam poder de compra com o crescimento da economia. A seca no ano anterior levou ao processo da safra agrícola e foi necessário importar um bilhão de dólares em alimentos.

— O congelamento prolongado, a

elevação do custo do dinheiro e a defasagem cambial levaram à explosão da inflação em janeiro. Prevendo um índice alto, a equipe do ex-ministro Dilson Funaro preparou um novo congelamento de preços e salários — o chamado choque heterodoxo — a ser adotado nos primeiros dias do ano, depois de um aumento autorizado para todos os preços. Sua tentativa foi barrada pela equipe do ex-ministro do Planejamento, João Sayad, que não acreditava no sucesso da tentativa, naquela ocasião.

Na metade de janeiro, desta vez apostando num grande pacto social, Funaro e seus assessores prepararam mais um choque. Eles buscavam a credibilidade que o acordo poderia trazer ao governo, levando novamente os “fiscais do Sarney” para a rua. O acordo entre trabalhadores, empresários e governo não saiu e, sem ele, veio a liberação de preços que, na realidade, já estavam sendo reajustados sem autorização. Ninguém mais acreditava no congelamento.

**Moratória** — A busca de apoio e credibilidade ao governo prosseguia freneticamente. No início de fevereiro, sem contar com a equipe do ministro Sayad, mais um choque esteve para ser decretado por Funaro e seus assessores. Daquela vez, o pretexto para conseguir o apoio popular deveria ter sido a moratória, decretada em 21 de fevereiro. A suspensão dos pagamentos da dívida externa não provocou nenhuma comoção popular “por dificuldades de divulgação”, diagnosticou o ex-ministro Funaro, em seu depoimento no Senado, na semana passada.

A divisão do governo, que perdia sua capacidade de arbitragem dos conflitos sócio-econômicos, acirrou a insegurança, aumentando a crise entre os agentes econômicos — preços, salários, câmbio e juros — elevando a inflação.

— Mais do que uma simples crise econômica, tínhamos uma crise política que se alimentava das dificuldades da economia, aumentando os problemas econômicos — resume um antigo assessor de Funaro. Pouco antes de sair do governo, Sayad tentou aplicar um novo congelamento, desta vez com prazo marcado para 90 dias de duração, como tinham sido os outros três tentados por Funaro desde o início do ano. Já sem acreditar no apoio dos políticos e da população e nas condições econômicas favoráveis, o governo descartou o choque e Sayad saiu do Ministério.

Funaro prosseguiu na sua tentativa de realinhamento dos preços, liberando boa parte deles do controle do Conselho Interministerial de Preços (CIP) autorizando reajustes automáticos para tarifas públicas e alguns produtos. Era a preparação de um novo choque que, desta vez, deveria contar com o apoio do PMDB. Para consegui-lo, o ex-ministro da Fazenda tentou baixar os juros com um tabelamento — que não mostrou resultados — e reuniões sucessivas com a bancada do partido no Congresso. O plano de Funaro foi sustado pela resistência do presidente Sarney, que não estava mais decidido a apostar nas propostas de seu ministro.

O governo voltava à mesma posição de fevereiro do ano passado, com o PMDB criticando e ameaçando retirar seu apoio. A troca de ministro, que acabou sendo um nome escolhido por uma parte do partido, deveria trazer o PMDB de volta, mas o quadro não está definido, e Bresser Pereira mantém um discurso semelhante ao de Funaro.

Três dias antes de assumir o cargo, Bresser deu uma entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* defendendo o choque heterodoxo e uma minidesvalorização cambial. O cruzado foi desvalorizado em 8,49%, mas a certeza de que o novo ministro defendia o congelamento provocou uma corrida de preços e a elevação da inflação na última semana de abril, afastando as condições para o choque.

Junto com esta previsão, vinha a expectativa de mudança de ministro e a incerteza dos rumos da economia.

— O governo está dentro de uma armadilha que ele mesmo preparou — avaliam economistas de dentro e fora dos gabinetes dos ministérios econômicos.

— Se ele (Bresser) pudesse adivinhar que seria ministro, certamente não teria dado tantas entrevistas e nem escrito artigos defendendo o congelamento — lamenta um assessor do novo ministro. Este auxiliar decreta: não existe choque com aviso prévio.



*Bresser sempre disse preferir o choque heterodoxo*